



PARTE 1

A QVEDA







CAPÍTULO

1

Gregor tinha pressionado a testa contra a tela por tanto tempo, que podia sentir o padrão quadriculado marcado acima das sobrancelhas. Ele passou os dedos sobre os calombos e resistiu ao impulso de soltar um grito primitivo de homem das cavernas. Aquilo estava se acumulando no peito dele, um uivo longo e gutural reservado para as emergências verdadeiras — como quando você dava de cara com um tigre-de-dente-de-sabre sem estar carregando a sua clava, ou quando o seu fogo se apagava durante a Era Glacial. Gregor chegou ao ponto de abrir a boca e respirar fundo, antes de bater com a cabeça de novo na tela com um leve grunhido de frustração.

— Argh.

De que isso adiantaria, de qualquer maneira? Não iria mudar nada. Nem o calor, nem o tédio, nem o infinito e vazio verão que se estendia diante dele.

Gregor considerou a hipótese de acordar Boots, sua irmãzinha de 2 anos de idade, só para se distrair um pouco, mas deixou-a dormir. Pelo menos ela estava fresca no quarto



com ar-condicionado que dividia com a irmã, Lizzie, de 7 anos e a avó. Era o único quarto com ar-condicionado no apartamento. Nas noites realmente quentes, Gregor e a mãe podiam espalhar colchas no chão para dormir, mas com os cinco lá dentro, o quarto não ficava frio, apenas morno.

Gregor pegou um cubo de gelo no congelador e o esfregou no rosto. Olhou para o pátio, onde um cachorro abandonado farejava em volta de uma lata de lixo que havia transbordado. O cachorro pôs as patas na borda, derrubando a lata e espalhando lixo por toda a calçada. Gregor percebeu um par de silhuetas sombrias rastejando ao longo da parede e fez uma careta de nojo. Ratos. Ele nunca se acostumara a eles.

Fora os animais, o pátio estava vazio. Normalmente, ficava cheio de crianças jogando bola, pulando corda ou se balançando no trepa-trepa enferrujado. Porém, naquela manhã, o ônibus havia partido para o acampamento, e todas as crianças com idades entre 4 e 14 anos estavam dentro dele. Exceto uma.

— Lamento, querido, mas não vai dar — disse a mãe dele algumas semanas antes. E ela também lamentava, ele pôde ver a expressão no rosto dela. — Alguém precisa tomar conta de Boots enquanto eu estou no trabalho, e ambos sabemos que sua avó não consegue mais fazer isso.

É claro que ele sabia. No último ano, a avó dele estivera saindo e voltando à realidade. Num minuto ela estava perfeitamente sã, no outro ela o chamava de Simon. Quem era Simon? Gregor não fazia idéia.

Teria sido diferente, há alguns anos. A mãe dele só trabalhava meio-período, então, o pai dele, que dava aula de ciências para o ensino médio, tirava férias no verão. Ele teria



cuidado de Boots. Mas desde a noite em que o pai dele desapareceu, o papel de Gregor na família havia mudado. Ele era o mais velho, então tinha que cumprir várias tarefas. Cuidar das irmãs mais novas era uma grande parte delas.

Então, tudo que Gregor dissera foi:

— Tudo bem, mãe. O acampamento é para crianças, mesmo. — Ele deu de ombros para mostrar que, aos 11 anos, já deixara de ligar para coisas como o acampamento. Mas, de alguma forma, isso só deixou a mãe dele com uma expressão ainda mais triste.

— Você quer que Lizzie fique em casa com você? Fazendo companhia? — Ela perguntara.

Uma expressão de pânico passou pelo rosto de Lizzie, ao ouvir tal sugestão. Ela provavelmente teria desatado a chorar se Gregor não tivesse recusado a oferta.

— Não, deixe que ela vá. Eu ficarei bem com Boots.

Assim, aqui estava Gregor. Nada bem. Não havia nada de bom em passar o verão inteiro enclausurado com uma criança de 2 anos e a avó que achava que ele era alguém chamado...

— Simon! — ele ouviu a avó gritar do quarto. Gregor balançou a cabeça, mas não pôde evitar um sorrisinho.

— Tô indo, vó! — ele gritou de volta, e mastigou o resto do cubo de gelo.

Um brilho dourado preenchia o quarto devido ao sol da tarde que tentava se infiltrar através das cortinas. A avó de Gregor estava deitada na cama, coberta por uma leve colcha de algodão. Cada retalho quadrado daquela colcha viera de um vestido que ela tinha feito para si mesma ao longo dos anos. Nos momentos mais lúcidos, ela contava a história dos retalhos.



— Este, de bolinhas, eu vesti na formatura da minha prima Lucy, quando eu tinha 11 anos, este verde-limão era um vestido de domingo, e este retalho branco é, na verdade, uma ponta do meu vestido de casamento, e não estou mentindo.

Aquele, porém, não era um momento lúcido.

— Simon — ela chamou, demonstrando alívio no rosto ao vê-lo. — Eu achei que você tinha esquecido sua marmita. Você vai ficar com fome, arando.

A avó de Gregor crescera numa fazenda na Virgínia, e viera para Nova York quando se casou com o avô do menino. Na verdade, ela nunca se acostumou com a cidade. Às vezes, Gregor ficava secretamente feliz que ela pudesse voltar para aquela fazenda em pensamento. E com um pouco de inveja. Não era nada divertido ficar sentado no apartamento o tempo todo. Àquela hora, o ônibus já estaria chegando ao acampamento, e Lizzie e as outras crianças estariam...

— Guégo! — gritou uma vozinha aguda. Uma cabeça cacheada apareceu sobre a grade lateral do berço. — Qué saí!

Boots pôs a ponta encharcada do rabo de um cachorro de pelúcia na boca e estendeu os dois braços para o irmão. Gregor ergueu a irmãzinha bem alto e fez um barulho com a boca na barriga dela. Ela riu, e o cachorro caiu no chão. Gregor colocou a irmã no chão para pegar o brinquedo.

— Leve o seu chapéu! — disse a avó, ainda em algum lugar da Virgínia.

Gregor segurou a mão da avó, tentando prender a atenção dela.

— Você quer algo gelado para beber, vó? Que tal uma soda-limonada?



Ela riu.

— Uma soda? O que é isso, meu aniversário?

Como responder a isso?

Gregor apertou a mão da avó e pegou Boots no colo.

— Eu já volto — ele anunciou em voz alta.

A avó ainda estava rindo sozinha.

— Uma soda-limonada! — Ela exclamou e enxugou os olhos.

Na cozinha, Gregor encheu um copo com refrigerante gelado e preparou uma mamadeira de leite para Boots.

— Fio — ela disse, contente, enquanto apertava a mamadeira contra o rosto.

— Sim, frio gostoso, Boots — respondeu o irmão mais velho.

Uma batida na porta deu um susto em Gregor. O olho mágico já era inútil há mais de quarenta anos. Ele perguntou pela porta fechada:

— Quem é?

— É a Sra. Cormaci, querido. Eu disse à sua mãe que viria fazer companhia à sua avó às dezesseis horas! — uma voz respondeu. Então Gregor se lembrou da pilha de roupa suja que ele ainda tinha para lavar. Pelo menos ele sairia do apartamento.

Gregor abriu a porta e se deparou com uma Sra. Cormaci murcha com o calor.

— Olá! Não está horrível hoje? Vou lhe contar, não agüento este calor! — Ela se apressou em entrar no apartamento, enxugando o rosto com um velho lenço. — Ah, que amor, isso é para mim? — ela indagou e, antes que o menino pudesse responder, já estava engolindo o refrigerante como se estivesse perdida num deserto.



— Claro — Gregor resmungou, voltando à cozinha para pegar outro. Ele não se incomodava muito com a Sra. Cormaci, e hoje ele estava quase aliviado em vê-la. “Ótimo, hoje é o primeiro dia de férias e eu estou empolgado com uma ida à lavanderia”, Gregor pensou. “Quando setembro chegar, eu provavelmente ficarei felicíssimo em receber a conta de telefone.”

A Sra. Cormaci estendeu o copo, querendo mais.

— Então, quando você vai me deixar ler o tarô para você, senhorito? Você sabe que eu tenho o dom — disse a mulher. A Sra. Cormaci colocava folhetos nas caixas de correio oferecendo-se para ler as cartas de tarô para as pessoas, por 10 dólares a sessão. — Não cobrarei de você — ela sempre dizia isso a Gregor. Ele nunca aceitou, pois tinha uma suspeita persistente de que ela acabaria fazendo muito mais perguntas do que ele. Perguntas que ele não poderia responder. Perguntas sobre o pai dele.

Ele resmungou alguma coisa sobre a roupa suja e se apressou em recolhê-la. Conhecendo a Sra. Cormaci, ela provavelmente tinha um baralho de tarô no bolso.

Na lavanderia comunitária do prédio, que ficava no subsolo, Gregor separou as roupas da melhor maneira que pôde. Roupas brancas, escuras, coloridas... o que ele deveria fazer com os shorts listrados de preto e branco de Boots? Ele os jogou na pilha de roupas escuras, certo de que tinha sido a decisão errada.

A maioria das roupas da família era meio acinzentada, mesmo — de velhas, não devido a decisões erradas na hora de lavar. Todas as bermudas de Gregor eram simplesmente suas



calças compridas cortadas na altura do joelho, e ele tinha apenas algumas camisetas que ainda serviam desde o ano anterior, mas o que isso importava, se ele ia passar o verão inteiro trancado no apartamento?

— Bola! — gritou Boots, angustiada. — Bola!

Gregor meteu o braço entre duas secadoras e puxou uma velha bola de tênis que Boots estivera perseguindo pela lavanderia. Ele limpou os fiapos de tecido da bola e a jogou do outro lado da sala. Boots correu atrás dela como se fosse um cachorrinho.

— Que bagunça — pensou Gregor, rindo um pouco. — Que bagunça grudenta, encrostada e empoeirada! — Os restos do almoço da irmã, salada de ovos e pudim de chocolate, ainda estavam evidentes no rosto e na camiseta de Boots. Ela tinha colorido as próprias mãos de roxo, com canetinhas laváveis que Gregor achava que talvez só um jato de areia seria capaz de limpar, e a fralda dela chegava até os joelhos. Estava quente demais para vestir shorts nela.

Boots correu de volta até Gregor com a bola, com fiapos de roupa nos cachinhos. O rostinho suado dela sorria enquanto ela estendia a bola para o irmão.

— O que a deixa tão feliz, Boots? — ele indagou.

— Bola! — Boots respondeu, e em seguida bateu com a cabeça no joelho dele, de propósito, para que ele se apressasse. Gregor jogou a bola no beco entre as lavadoras e as secadoras. Boots disparou atrás dela.

Enquanto a brincadeira continuou, Gregor tentou se lembrar da última vez que se sentira tão feliz quanto Boots ficava com a bola dela. Ele tivera alguns momentos legais nos últimos



dois anos. A banda da escola municipal tinha tocado no Carnegie Hall. Isso foi muito legal. Ele até fez um solo curto no saxofone. As coisas eram sempre melhores quando ele podia tocar música; as notas pareciam levá-lo a um mundo completamente diferente.

Correr na pista de atletismo era bom, também. Forçar o corpo mais e mais, até que tudo tivesse sido varrido para fora da sua mente.

Mas, se fosse honesto consigo mesmo, Gregor sabia que há anos ele não sentia felicidade verdadeira.

— Exatamente dois anos, sete meses e treze dias — ele pensou. Ele não tentou contar, os números simplesmente se somaram na cabeça do menino. Gregor tinha uma calculadora embutida que sempre sabia exatamente há quanto tempo o pai dele havia sumido.

Boots podia ser feliz. Ela não era nem nascida quando aquilo acontecera. Lizzie tinha apenas 4 anos. Mas Gregor tinha 8 anos na época e presenciara tudo; os telefonemas desesperados à polícia, que reagiu de maneira quase entediada ao desaparecimento completo do pai dele. Obviamente, eles achavam que ele fugira. Eles até insinuaram que estaria com outra mulher.

Isso não era verdade. Se havia uma coisa que Gregor sabia, era que seu pai amava sua mãe, que amava Gregor e Lizzie, e que ele teria amado Boots.

Mas então... como ele pôde abandoná-los sem dizer uma palavra?

Gregor não conseguia acreditar que seu pai poderia abandonar a família e nunca mais olhar para trás.



— Aceite — ele sussurrava para si mesmo. — Ele está morto — uma onda de dor atravessou o menino. Não era verdade. Não podia ser verdade. O pai dele ia voltar porque... porque... porque o quê? Porque Gregor queria tanto que isso acontecesse que só poderia ser verdade? Porque eles precisavam dele? — Não — pensou Gregor. — É porque eu consigo sentir isso. Eu sei que ele vai voltar.

A máquina de lavar parou de girar, e Gregor empilhou as roupas limpas num par de secadoras.

— E, quando ele voltar, é melhor que tenha uma explicação muito boa de onde ele esteve! — murmurou o menino, enquanto batia a porta da secadora. — Tipo ter batido com a cabeça e ficado com amnésia. Ou ter sido abduzido por aliens. — Muitas pessoas eram abduzidas por aliens na TV. Talvez isso fosse possível.

Ele pensou muito sobre as diferentes possibilidades, mas a família raramente mencionava o pai em casa. Todos na família acreditavam, mesmo sem dizê-lo, que o pai de Gregor voltaria. Já os vizinhos achavam que ele tinha dado no pé. Os adultos nunca falavam nisso, e a maioria das crianças também não — cerca de metade delas vivia apenas com um dos pais. Porém, os desconhecidos perguntavam às vezes. Depois de um ano tentando explicar a situação, Gregor inventou a história de que os pais tinham se divorciado e seu pai vivia na Califórnia. Era uma mentira, mas as pessoas acreditavam, enquanto ninguém parecia acreditar na verdade. Qualquer que ela fosse.

— E depois que ele voltar para casa, eu poderei levá-lo... — disse Gregor em voz alta, e em seguida parou. Ele estava a ponto de quebrar a regra. A regra era que ele não podia pensar



nas coisas que iriam acontecer depois que o pai dele voltasse. E, já que o pai poderia voltar a qualquer momento, Gregor não se permitia pensar no futuro jamais. Ele tinha uma estranha sensação de que, se imaginasse eventos específicos, como ter o pai de volta no Natal seguinte ou que o pai se tornasse treinador assistente da equipe de atletismo da escola, tais coisas jamais aconteceriam. Além disso, por mais feliz que ele ficasse com esses sonhos, eles apenas tornavam o retorno à realidade ainda mais doloroso. Conseqüentemente, aquela era a regra. Gregor tinha que manter a mente no presente e deixar que o futuro cuidasse de si mesmo. O menino sabia que esse sistema não era muito bom, mas era a melhor maneira que ele encontrara para encarar cada dia.

Gregor percebeu que Boots estava estranhamente quieta já há alguns momentos. Ele olhou em volta e ficou alarmado ao não encontrá-la de imediato. Então ele viu uma gasta sandália rosa atrás da última secadora.

— Boots! Saia já daí! — ele chamou.

Era preciso tomar cuidado quando Boots estava perto de aparelhos elétricos. Ela adorava tomadas.

Enquanto atravessava a lavanderia, Gregor ouviu um ruído metálico, seguido de uma risadinha de Boots.

— Ótimo, agora ela está desmontando a secadora — pensou Gregor, apressando o passo. Ao alcançar a parede oposta, uma cena estranha o aguardava.

A grade de metal de um velho duto de ar estava completamente aberta, sustentada por duas dobradiças enferrujadas no alto. Boots estava espiando a abertura, de mais ou menos 60 x 60cm, que levava para dentro da parede do prédio. De



onde estava, Gregor não via nada além de escuridão. Então hum... o que era aquilo? Fumaça? Gás? Não parecia muito com nenhuma dessas coisas. Um vapor estranho saiu do buraco e envolveu Boots. Ela estendeu o braço, curiosa, e se inclinou para a frente.

— Não! — Gregor exclamou enquanto pulava em direção à irmã, mas o corpinho de Boots pareceu ser sugado para o duto de ventilação. Sem pensar, Gregor meteu a cabeça e os ombros no buraco. A grade de metal bateu nas costas dele. No momento seguinte, o menino estava caindo, caindo, caindo no vazio.

